REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
v. 6, n. 2, jan-jun. 2020.
Missões

NARRATIVAS DE PROFESSORES DA ESCOLA POLIVALENTE DE OSÓRIO-RS: A FORMAÇÃO DOCENTE E A RELAÇÃO COM A INSTITUIÇÃO

PROFESSORS'S NARRATIVES OF THE POLYVALENT SCHOOL FROM OSÓRIO-RS: THE PEDAGOGICAL TRAINING AND THE RELATION WITH THE INSTITUTION

Recebido em 11/05/2020
Aceito em 03/08/2020

Bruna Luiz dos Santos[1]
Maria Augusta Martiarena de Oliveira[2]

Resumo: O artigo traz reflexões sobre a importância da memória e da História Oral no âmbito educacional. Essas reflexões fundamentaram a análise de narrativas, apresentadas nesta pesquisa, de docentes que atuaram na Escola Maria Teresa Vilanova Castilhos – Escola Polivalente, em Osório (RS), e participaram da Revista Polivisão. O objetivo deste trabalho é mostrar parte das informações colhidas por meio da História Oral, e transcorrer sobre as diversas trajetórias desses professores na educação e a sua relação com a Escola Polivalente, assim como possibilitar a compreensão dos múltiplos caminhos escolhidos por cada entrevistado antes da chegada na cidade de Osório (RS) e até a sua aposentadoria.

Palavras-chave: Escola Polivalente. Formação Docente. Memória. História Oral. Osório (RS).

Abstract: The article brings reflections about the importance of memory and Oral History in the educational scope. These reflections were the basis for the narratives analysis, presented in this research, of professors who worked at the Maria Teresa Vilanova Castilhos School – Polyvalent School, in Osório (RS), and participated in the Polivisão Magazine. The work's purpose is to show part of the information collected through Oral History, and to discuss the different trajectories of these professors in education and their relation with the Polyvalent School, as well as to enable the understanding of the multiple paths chosen by each interviewee before the arrival in Osório (RS) city and until their retirement.

Keywords: Polyvalent School; Pedagogical Training; Memory; Oral History; Osório (RS).

INTRODUÇÃO

A Escola Maria Teresa Vilanova Castilhos – Escola Polivalente, foi inaugurada no dia 14 de novembro de 1974, na cidade de Osório, situada no litoral norte do Rio Grande do Sul (PLANADOR, 1975, p. 15). A criação dessa escola aconteceu durante a Ditadura Militar, por meio de acordos entre o Ministério da Educação (MEC) e a Agência Internacional de Desenvolvimento (USAID). O objetivo do estabelecimento dessa instituição era ofertar

[1] Acadêmica do curso de Letras Português/Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Osório. Bolsista d o projeto História e Memória da Educação Profissional: Escola Maria Teresa Vilanova Castilhos - Polivalente, Osório (RS). E-mail: bruunaluiz@hotmail.com
[2] Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: augusta.martiarena@osorio.ifrs.edu.br

disciplinas técnicas juntamente com as propedêuticas e, assim, formar mão de obra barata, ao mesmo tempo em que oferecia educação profissional para as classes menos favorecidas (OLIVEIRA, 2017, p. 325). Atualmente, a Escola continua ativa com o ensino fundamental e médio.

Para uma melhor compreensão do contexto de instauração da Escola Polivalente, segundo Hilsdorf (2003, p. 125), na década de 1970 o ensino era pensado de cima para baixo, em uma "direção tecnicista", que fora estabelecida através dos acordos MEC-USAID. Durante a década de 1980 houve muita repetência e evasão nas escolas, devido ao choque cultural que a classe popular sofreu ao se depararem com uma escola pensada para a classe média (HILSDORF, 2003, p. 127). Entretanto, a autora (Ibid, p. 128) ressalta a importância da década de 1980 no sentido dos ganhos ao que se refere sobre a organização e mobilização dos docentes, com a criação de sindicatos e associações, a formação de uma "política educacional de interesse popular" e a tomada de consciência pelos educadores, que deixaram de lado a "postura de ingenuidade" adotada durante o regime militar.

O presente artigo refere-se a uma análise de narrativas, colhidas através da metodologia da História Oral, sobre a história da educação de Osório (RS) no âmbito da Escola Maria Teresa Vilanova Castilhos – Escola Polivalente e a participação na Revista Polivisão (periódico organizado por professores da escola), dando ênfase na trajetória de formação dos docentes entrevistados. Esse trabalho também busca refletir acerca da importância da memória e da História Oral na investigação histórica, principalmente na História da Educação. A pesquisa tem por objetivo estudar a história da Escola Polivalente através das vozes das pessoas que participaram da constituição da instituição, bem como promover o entendimento dos diferentes caminhos que trouxeram os entrevistados até a cidade de Osório (RS) e como esses ingressaram na docência.

Os entrevistados responderam diversas perguntas sobre temas relacionados à Escola Polivalente, entretanto, em função da amplitude dos assuntos, optou-se por analisar neste artigo a trajetória de cada um e a forma como ingressaram na docência e na instituição. Sabe-se que é imprescindível a preservação do patrimônio histórico-educativo, deste modo, a escolha do tema tratado nesta pesquisa torna-se importantíssima, pois visa preservar e proteger a história dessa instituição na cidade de Osório (RS), a qual não tem muitos estudos no âmbito da História da Educação (OLIVEIRA, 2017, p. 324).

Estudar a Escola Maria Teresa Vilanova Castilhos – Escola Polivalente é extremamente relevante devido a sua instauração no período da Ditadura Militar e o fato de ser um modelo

educativo que favoreceu "o controle social a partir de uma tentativa de homogeneização da sociedade" (LIMA E SOUZA, 2016, p. 76), através da formação de mão de obra para suprir o crescimento industrial. Além de tudo, o entendimento da função do IFRS (Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia do Rio Grande do Sul) como um instituto que tem por base o ensino profissional por meio da investigação da memória de uma escola que possuía esse foco de educação, é fundamental. Ademais, o IF possui um compromisso com local em que um *campi* está inserido, e isso inclui o estudo da região (OLIVEIRA, 2017, p. 325). Agora, antes de partir para o estudo das entrevistas, serão apresentados os referenciais teóricos que embasaram a História Oral e a Memória.

A HISTÓRIA ORAL: UMA IMPORTANTE METODOLOGIA DE PESQUISA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Segundo Giron (2000, p. 23), é através da memória que nasce a história, pois, "sem memória não haveria as artes, nem a História, a primeira delas". Sabe-se que antes da escrita ser criada nossos antepassados já contavam histórias e transmitiam suas lembranças e cultura ao seu povo através da oralidade (PARAFITA, 2005, p. 30), ela está presente há muito tempo em nosso meio. É somente com a oralidade que podemos perceber a emoção do narrador diante dos fatos apresentados e a subjetividade nas suas hesitações (FREITAS, 2006, p. 99), a interpretação fica muito mais fácil, principalmente quando o narrador vivenciou a história que está contando. Conforme Santos, Moraes e Brito (2015, p. 980), "a história é constituída por inúmeros fios", somente juntando todos esses fios é que podemos reconstruir uma história, e para isso é necessário recorrer a oralidade e enxerga-la como uma metodologia que possibilita a reconstrução do passado através, para os autores, "da memória dos sujeitos de hoje".

É preciso reconhecer a importância da memória, segundo Almeida (2009, p. 215), a memória vai "muito além da mera capacidade de lembrar os fatos passados", ela é "como a ponta de um iceberg". Atualmente, muitos historiadores acreditam que a memória é um modo de manter a história viva e por isso utilizam-se da História Oral como metodologia de pesquisa, pois acreditam que com ela podem descobrir fatos nem imaginados, muito além do que está presente em documentos históricos, e também entender como era o pensamento de pessoas que vivenciaram determinado período. A História Oral traz à tona nuances do passado que se encontram inatingíveis em outras formas de documentação,

Uma das áreas que mais utiliza-se da História Oral é a História da Educação, de acordo com Almeida e Grazziotin (2016, p. 900), cada vez mais esse ramo do conhecimento tem

inovado para compreender o passado recente, considerando, assim, as memórias orais da educação. Muitas vezes, a documentação oficial das instituições de ensino não retrata as experiências vividas dentro da escola (ALMEIDA, 2009, p. 221), e o intuito da utilização dessa metodologia, então, é dar visibilidade ao professor e aluno, às práticas e à cultura escolar.

A coleta dessas memórias no âmbito da História Oral é feita através da realização de entrevistas orais gravadas. Para que a entrevista seja bem sucedida é necessário que se estabeleça confiança, respeito e validação durante o desenvolvimento da rememoração, e ambos, narrador e historiador, devem construir essa ponte interpessoal, muitas vezes através da vulnerabilidade (ERRANTE, 2000, p. 153). Vale ressaltar que as entrevistas são fontes de pesquisa, e por isso elas são extremamente pensadas, há a elaboração de um questionário que é aplicado a todas as pessoas entrevistadas, para facilitar, posteriormente, a análise dos fatos narrados e a comparação com os documentos históricos (FERREIRA; AMADO, 2006, p. 237).

Entretanto, o questionário elaborado não é extremamente rígido, afinal, ao decorrer da entrevista podem surgir diferentes caminhos, por essa razão, a flexibilidade é imprescindível para uma entrevista compreensiva (ZAGO, 2003, p. 296). Uma entrevista compreensiva, além de ser flexível, não se apega a questão cronológica, pois é preciso dar tempo para que as lembranças sejam provocadas e não inibidas (ALMEIDA, 2009, p. 222). Almeida (2009, p. 222) ainda diz que a entrevista deve ser como uma conversação e tanto o entrevistado quanto o entrevistador devem estar envolvidos na história a ser lembrada.

Alberti (2004, p. 101) diz que, antes de mais nada, precisamos lembrar que em uma entrevista há a relação de duas pessoas completamente diferentes, cujo único interesse em comum é o passado que está sendo lembrado. É imprescindível que deixemos de lado o pensamento de que somente o entrevistador está interessado na entrevista porque é o seu objeto de estudo, o entrevistado tem seus próprios interesses quando aceita dar a entrevista, e um deles é relatar a sua história, o que ele pensa que é importante ser lembrado e narrado, afinal, todo ser humano tem o desejo de contar a sua versão dos fatos.

Ciampi e Godoy (2017, p. 254) alertam ainda para o fato de que em uma entrevista não podemos ignorar o individual, mas também não podemos separar o individual e o coletivo, pois, no movimento da memória, ambos contêm questões essenciais que representam a experiência vivida. Não se pode desprezar o contexto em que o indivíduo estava e como ele afeta a narrativa do mesmo, dentro da experiência individual sempre há o coletivo, afinal, a memória é construída através da convivência com o outro.

Muitos pesquisadores e historiadores, como Bosi (2003), Errante (2000) e Almeida (2009), dissertam sobre o fato de que o sucesso de uma entrevista começa antes de ela acontecer de fato, ocorre no primeiro encontro entre entrevistado e entrevistador, quando o entrevistado tem acesso ao questionário para se situar, e é aí que o entrevistado começa a voltar atrás no tempo, inicia-se, então, o processo de rememoração e é onde começa a construção da ponte interpessoal, contudo, Errante (2000, p. 153) diz que, infelizmente, "dependendo das circunstâncias do trabalho, pode não haver oportunidade para construir uma relação entre narrador e historiador antes da entrevista", e todos esses passos tem que se desenvolver no ato da entrevista.

Cada vez mais a História Oral vem ganhando adeptos pelo mundo e sendo reconhecida como uma importante metodologia de pesquisa. Devemos olhar para a oralidade como um importante registro histórico que precisa ser reconhecido e legitimado, a premissa de que a oralidade não é confiável se aplica também a escrita, pois como saber se quem escreveu realmente foi fiel ao fato que aconteceu e não fez uma distorção do mesmo? Assim como na História Oral, a história escrita traz consigo a relatividade e a ficcionalidade (FREITAS, 2006, p. 44).

Na escrita, geralmente, temos só uma pessoa narrando, e através da História Oral podemos ter várias narrativas de diferentes pessoas, podendo dar voz às minorias que foram, infelizmente, sempre silenciadas e esquecidas pela história escrita (SANTOS, MORAES E BRITO, 2015, p. 985). Podemos permitir através da oralidade que uma pessoa analfabeta conte sua história, que é tão válida como a de qualquer outra pessoa, todas as versões importam e constituem a história. A história precisa se renovar e começar a ser contada de várias formas, com seus vários fios.

Entende-se que a História Oral não vem tirar o lugar da história escrita, mas sim complementar no ato de contar uma narrativa, pois diante de qualquer assunto existe milhares de pontos de vista diferentes e é exatamente por isso que é preciso ouvir diferentes narrativas sobre um mesmo fato, para se ter o conhecimento de várias perspectivas. Diante de tudo isso, Ferreira e Amado (2006, p. XXV) dizem que "é importante que os arquivos públicos revejam sua estratégia de dar atenção quase exclusiva às fontes escritas e definam políticas de captação e preservação de fontes orais. Não é preciso dizer que só teremos a ganhar com isso."

A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA

Para Boncompagno da Signa (1235, p. 255 apud LE GOFF, 1992, p. 453), “A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas". Nossa vida é uma eterna alternância entre o que esquecemos e o que escolhemos lembrar, essas lembranças ficam guardadas dentro de nós “como tesouros ou cicatrizes em nossa cabeça e que formam o que denominamos “memória” (DAMATTA, 1986, p. 45). DaMatta ainda diz que “há um tempo lembrado, que vira memória e saudade e um tempo simplesmente vivido, que se vai e morre na distância do passado” (1986, p. 45).

A memória “procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”, dessa forma, “devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1992, p. 477). Em certas sociedades gregas existiram os chamados homens-memória, eles eram como guardiões da história (LE GOFF, 1992, P. 429), com o surgimento da escrita, estes homens "transformam-se em arquivistas” (Ibid, p. 437) e o prestígio dado a um narrador da história desapareceu, afinal, atualmente não damos o mesmo valor a algo contado como a algo escrito, embora Pollak (1992, p. 209) alerte que não há diferença entre fonte oral e escrita, pois ambas são parte de uma memória construída, que pode ou não ser confiável.

Embora seja considerada uma função psíquica pela psicologia, a memória é, no âmbito da História, tida como algo físico, concreto e palpável (LE GOFF, 1992, p. 423). Atualmente, a memória se desenvolve de duas formas: através de um monumento construído para lembrar determinado acontecimento histórico ou através do documento escrito (LE GOFF, 1992, p. 432). Entretanto, há a memória narrada, e talvez o fato de a História enxergar a memória como algo físico seja o que impede a valorização da mesma. Nos dias atuais, com o auxílio da História Oral, a memória narrada pode ser utilizada para preencher algumas brechas na história (POLLAK. 1992, p. 209) e ajudar na compreensão de determinado momento histórico através de diferentes visões.

Segundo Pollak (1992, p. 205), a nossa identidade, coletiva e individual, é constituída pela memória. Nosso contato inicial com a memória se dá no âmbito familiar, onde construímos nossa primeira identidade coletiva, onde nos sentimos parte de um grupo (HALBWACHS, 2004). A partir da memória familiar somos capazes de “de reconstruir la imagen de las personas y de los hechos” (HALBWACHS, 2004, p. 184), e, posteriormente, narrar a nossa história. Ainda assim, Pollak (1992, p. 206) afirma que memória e identidade não devem ser compreendidas como a essência de um grupo.

Para Halbwachs (2004) que enxerga a memória como um fenômeno que se transforma e muda constantemente, a memória de uma pessoa está profundamente conectada ao grupo ao qual ela pertence. Pollak (1989, p. 15) nos diz que "mesmo no nível individual o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida". As memórias de uma pessoa não são unicamente suas, nenhuma memória pode existir separada da sociedade, "as memórias são construções dos grupos sociais e são esses grupos sociais que determinam o que deve ser preservado" (SANTOS, MORAES, BRITO, 2015, p. 991). Mesmo que sejam acontecimentos em que pensamos que apenas nós estivemos presentes, nunca estamos sós, sempre carregamos dentro de nós um pouco de cada pessoa que faz parte do nosso grupo social (HALBWACHS, 2004, p. 30).

Segundo Halbwachs, a memória pode ou não ser totalmente real, pois há sempre certa ficcionalidade dentro de cada história real e certa realidade dentro de cada história fictícia (2004, p. 32). Por isso, Amado (1995, p. 133) defende que o ato de narrar uma história é algo relativo e tudo depende de "quem narra, o que narra, por que narra, como narra, para quem narra, quando narra". Cazorla (2011, p. 327) ainda diz que a memória pode, às vezes, "não corresponder à realidade do presente", entretanto, é imprescindível compreendermos a realidade do passado.

Conforme Pollak (1992, p. 201), pode haver um "fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada". Essas projeções podem ser em relação a determinados acontecimentos, lugares, datas e pessoas marcantes e podem ser transmitidos durante anos, sempre fazendo muitas pessoas se identificarem. No caso das pessoas, o fenômeno de identificação faz com que algumas se tornem conhecidas sem fisicamente serem (POLLAK, 1992, p. 201). Pollak (1992, p. 202) ainda diz que certos lugares estão tão enraizados em uma lembrança, como os monumentos aos mortos, que lembram as pessoas que viveram o ocorrido e também as pessoas que viveram o acontecimento "por tabela", sem estar presente, às vezes, sem nem ter existido no ano deste evento.

A memória é, em parte, herdada, mas acima de tudo, ela é seletiva, ou seja, somente algumas coisas são registradas (POLLAK, 1992, p. 205). A memória ainda é organizada, principalmente dentro da questão nacional e, por isso, há muitas discussões pelos líderes governamentais acerca das datas comemorativas e da seletividade dos acontecimentos (POLLAK, 1992, p. 205), aqui se tem mais uma evidência de que a memória é um fenômeno

construído. Acerca da construção da memória, Pollak (1992, p. 206) alerta que ela pode ser tanto consciente, no caso coletivo, como inconsciente, no contexto individual.

De acordo com Le Goff (1992, p. 426), a memória é um instrumento importante na luta pelo poder, afinal, controlar o que é lembrado ou esquecido, manipular a memória coletiva, é de fato ter poder sobre a história e sobre o povo. A memória oficial de um país é o que estabelece a identidade daquele povo e por isso acaba tornando-se uma arma poderosa de controle político, social e cultural (CAZORLA, 2011, p. 328). Cazorla (2011, p. 329) postula acerca da importância da escola para a construção dessa identidade nacional e de uma memória coletiva, pois é nesse período em que os indivíduos aprendem o que deve ser lembrado sobre a sua nação, é onde, segundo a autora, o "orgulho nacional" é estimulado.

Através dessa disputa pela seletividade de certos acontecimentos, é quando ocorre a valorização de alguns personagens históricos e a desvalorização/esquecimento de outros, por exemplo, na história do Brasil, sempre escolheu-se dar voz aos brancos e silenciar os negros, quando não puderam, apagaram a cor de suas peles, como é o caso do autor Machado de Assis, que quase ninguém sabe que era negro (CAZORLA, 2011, p. 329). "Não seria isso uma tentativa de selecionar como nossa história deve ser contada e, mais importante, apagar propositalmente aspectos que poderiam traçar uma outra história?" (CAZORLA, 2011, p. 329). O modo como uma história é contada muda o modo como a mesma é vista.

Para finalizar, cabe aos profissionais das ciências sociais lutar "pela democratização da memória social" (LE GOFF, 1992, p. 477), para que possamos, todos, lembrar de cada detalhe vivido e não vivido fisicamente, pois, como Heródoto disse, é preciso lembrar do passado para viver o presente e planejar o futuro. DaMatta (1986, p. 45) diz que "o homem é o único animal que se constrói pela lembrança, pela recordação e pela "saudade", e se "desconstrói" pelo esquecimento e pelo modo ativo com que consegue deixar de lembrar", somos feitos de memória, somos muito além de documentos escritos ou monumentos, somos a memória viva, carregamos dentro de nós muitas histórias que precisam ser contadas e lembradas.

METODOLOGIA: A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Na realização da presente pesquisa, foram realizadas entrevistas com algumas pessoas que participaram da história da educação de Osório, seja na atuação como docentes da Escola Polivalente ou como redatores dos artigos publicados na Revista Polivisão. A entrevista semiestruturada foi a opção escolhida, dessa forma, foram formuladas algumas questões

norteadoras previamente definidas, apenas para não perder o foco principal, mas com o intuito de manter uma conversa flexível. Era possível, por exemplo, adaptar as questões de acordo com o rumo que o diálogo tomasse e dar o devido tempo que o entrevistado viesse a precisar.

De acordo com Ferreira e Amado (p. 237, 2006) existem três tipos de entrevistas, a "dirigida", a "não-dirigida" e a "semidirigida". A "dirigida" faz com que o entrevistado fique preso ao questionário e não consiga estabelecer sua fala, já a "não-dirigida" deixa o entrevistado inteiramente livre e corre-se o risco dele fugir do tema da entrevista, agora, a "semidirigida", segundo as autoras, é o "meio-termo entre um monólogo de uma testemunha e um interrogatório direto", e, por isso, a melhor escolha (Ibid., p. 237, 2006).

Segue abaixo as questões elaboradas para as entrevistas, este é o roteiro padrão, o qual foi aplicado na íntegra em algumas entrevistas e adaptado em outras, conforme a relação do(a) docente com a Escola Polivalente ou com a Revista Polivisão.

Quadro 1: Questionário.

Instrumento – Questionário para entrevista semiestruturada:
1. Informe seu nome, local de nascimento e formação. 2. Relate-nos como foi o seu ingresso no magistério. Sempre atuou na cidade de Osório? 3. Comente pontos marcantes de sua trajetória no magistério. 4. Atuou na Escola Polivalente? Em que período? 5. Como era a integração entre as disciplinas técnicas e as propedêuticas? 6. Como você entendia a formação profissional propiciada pela Escola Polivalente? 7. Como foi o contato com a Revista Polivisão? 8. Na sua opinião, quais eram as diretrizes do impresso e qual o papel de um periódico educacional para a cidade de Osório, durante a década de 1980? 9. Fez parte do corpo editorial? Qual foi a motivação para integrar esse grupo? 10. Como era o processo de redação dos artigos publicados na Revista Polivisão? 11. Quais as influências teóricas que pautavam a escrita? 12. Havia alguma influência política, seja partidária ou relacionada ao CEPERS? 13. Como se dava a prática docente na fase de transição entre a Ditadura Militar e a redemocratização? A produção da revista foi influenciada por tal contexto? 14. Como se dava a relação com a comunidade, notadamente os alunos, em geral, e especialmente com o Grêmio Monteiro Lobato?

As entrevistas, como podemos ver no quadro abaixo, foram realizadas, na primeira etapa, de forma presencial, com o auxílio de um gravador de voz disponível em um aparelho celular, essas entrevistas, posteriormente, passaram pelo processo de degravação, que é, segundo Alberti (p. 173, 2004), "o processo envolvido na passagem da entrevista da forma oral

para a escrita, compreendendo as etapas de transcrição, conferência de fidelidade da transcrição e copidesque". Na segunda etapa e por conseguinte a atual, as entrevistas foram realizadas de forma remota, através de mensagens trocadas pelo aplicativo WhatsApp, devido à pandemia que se instaurou em todo o mundo. Os entrevistadores dessa pesquisa foram tanto os bolsistas do projeto quanto a coordenadora do mesmo. Na primeira etapa foram entrevistadas quatro pessoas, na segunda etapa, até o momento, ocorreram duas entrevistas.

Quadro 2: Entrevistas.

	Primeira Etapa	Segunda Etapa (atual)
Número de Entrevistados	4	2
Realização da Entrevista	Presencial, com auxílio de um gravador de voz.	Remotamente, através de mensagens pelo aplicativo WhatsApp.

A seguir, uma tabela com a apresentação dos entrevistados, seus nomes, local de nascimento, sua formação, bem como a data de realização das entrevistas, além de informar se atuaram na Escola Polivalente ou na Revista Polivisão. Vale ressaltar que uma das entrevistadas escreveu para a Revista, mas não foi mencionada neste artigo, por não ter atuado no Polivalente, sendo assim, seguimos abaixo com a exposição dos dados de cinco entrevistados:

Quadro 3: Entrevistados.

Nomes	Local de nascimento	Formação	Atuou na Escola Polivalente	Atuou na Revista Polivisão	Data de realização das entrevistas
Naura Martins	Osório (RS)	Letras	Sim	Sim	06/05/2019
Teresinha Catarina Walker	Feliz (RS)	Letras	Sim	Sim	18/07/2019
Sebastião Fich da Rosa	Lagoa Vermelha (Tupanci do Sul - RS)	Licenciatura Plena em Administração e Agricultura	Sim	Sim	15/10/2019
André Poltronieri	Rio dos Cedros (SC)	História, Geografia, Filosofia, Estudos Sociais e Pedagogia	Sim	Não	26/03/2020
José Carlos Becker	Venâncio Aires (RS)	História Natural, Pedagogia e Direito	Sim	Não	15/04/2020

ENTREVISTADOS: TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO E A RELAÇÃO COM A ESCOLA POLIVALENTE

Como mencionado anteriormente, tendo em vista a amplitude dos temas abordados durante as entrevistas, optou-se por apresentar, neste trabalho, o estudo e a análise das trajetórias dos professores e das professoras que integram a pesquisa, bem como a relação dos

mesmos com a Escola Maria Teresa Vilanova Castilhos – Escola Polivalente e a participação na Revista Polivisão, que foi um periódico organizado pelos professores da escola durante a década de 1980. Como já dito também, uma das entrevistadas escreveu para a Revista, mas a sua trajetória não foi analisada neste artigo, por não ter atuado no Polivalente. Segue abaixo um pouco da história de cada entrevistado:

Naura Martins nasceu em Osório (RS), formou-se em Letras e é Mestre em Teoria Literária. Tem uma formação base de professora rural. Começou a lecionar nas escolas do município em Tramandaí (RS), no ano de 1969, através de um contrato, logo depois, foi nomeada. Ainda em Tramandaí (RS), passou para a rede Estadual e, em seguida, em 1989, para a rede particular, no colégio Marquês. Posteriormente, começou a dar aulas no ensino superior, na então faculdade de Osório (RS), que hoje é o Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC). Ingressou na Escola Polivalente em 1984, lá ficou durante cinco anos. Publicou alguns textos na Revista Polivisão.

Sebastião Fich da Rosa nasceu em Lagoa Vermelha (Tupanci do Sul - RS). Formou-se em técnico agrícola na Escola Técnica de Agricultura, em Viamão (RS). Depois, começou a trabalhar numa empresa de Porto Alegre (RS), viajou todo o Estado com essa empresa, onde trabalhou por quase três (3) anos, tendo em mente fazer um curso superior. Passou no curso de formação de professores para as Escolas Polivalentes, onde foi lecionar técnicas agrícolas. Posteriormente, fez um curso na UFRGS e deu aula na Faculdade de Educação por quase dois (2) anos depois de formado, enquanto aguardava que a escola Polivalente fosse concluída. Mais tarde, fez um outro curso para ser professor das escolas técnicas, chamado Licenciatura Plena em Administração e Agricultura. Veio trabalhar no Polivalente e decidiu radicar-se de Osório. Ficou na Escola desde 1975 até 1981, ali foi professor e virou diretor. Escreveu na Revista Polivisão, senão em todas as edições, em quase todas. Em 1981, ele saiu do Polivalente e foi lecionar na escola RURAL[3], acabou sendo diretor de lá também. Trabalhou em Osório (RS) na atividade privada, conciliada com o magistério, posteriormente, acabou afastando-se da educação e foi estudar Direito. Começou o curso em 1988 e terminou no final de 1994, na Unisinos, mas, antes disso, ainda fez uma pós-graduação na área de educação na mesma instituição, que se chamava Administração e Supervisão em Sistemas Organizacionais. Depois

3 Escola Estadual de Ensino Médio Ildefonso Simões Lopes

de se formar em Direito fez uma pós-graduação em Direito Civil e uma no Processual Civil, trabalha até hoje nessa área.

Teresinha Catarina Walker nasceu em Feliz (RS). Foi para um internato com treze anos, em Santa Catarina, e fez o segundo grau em Porto Alegre (RS), no Santa Inês. Fez a faculdade de Letras, licenciatura plena, na Porto Alegrense, FAPA, e fez pós-graduação em Psicomotricidade na faculdade do IPA, também em Porto Alegre (RS). Veio para Osório (RS) para ser professora, em 1975. No mesmo ano, começou a trabalhar na Delegacia de Educação, como supervisora das escolas, e ficou até o começo de 1980. Lecionou no colégio Marquês, no Colégio Borges de Medeiros, onde dava Português pra cursos de Contabilidade e Administração, e no La Salle. Em 1978, fez um concurso do magistério para a Escola Polivalente e passou, iniciando na Escola em 1980, quando saiu da Delegacia de Educação. Ficou sendo professora no Polivalente de 1980 até 1998 e colaborou com algumas publicações na Revista Polivisão.

André Poltronieri nasceu em Rio dos Cedros (SC). Formou-se em História, Geografia, Filosofia, Estudos Sociais e Pedagogia, especializou-se em Administração Escolar. Foi seminarista e, em 1965, começou a lecionar catequese na periferia de Lorena S. Paulo. Depois, veio para o Aprendizado Agrícola Presidente Dutra, em Taquari (RS), onde coordenou e lecionou para os internos da FEBEN entre 1968 e 1969. Em 1970, lecionou e coordenou o semi-internato Dom Bosco, em Porto Alegre (RS). Saindo do Seminário, no final de 1970, passou a lecionar em várias escolas de Porto Alegre até o final de 1974. Em meados de 1974, todas as tardes vinha para Osório para ajudar na montagem da Escola Polivalente. O ano letivo na Escola começou em 1975, mas foi no dia 14/11/1974, à tarde, registrado na ata de inauguração elaborada por ele, que foi inaugurada a Escola Polivalente. No Polivalente, foi o primeiro vice-diretor, entre 1975 e 1977, além de ser professor. Não participou da Revista Polivisão. Nesse mesmo período, lecionou também na escola Marquês e no Colégio Conceição. Em 1978, mudou-se para Caxias do Sul (RS), onde lecionou nas escolas estaduais Imigrante e Abramo Randon, e foi coordenador e professor no colégio particular São Carlos. Em 1981, voltou para Osório (RS) e deu aula na FACOS, passou a lecionar "Cultura Brasileira" de 1982 até o final de 1985. Ao mesmo tempo, foi professor estadual na Escola Rural, bem como no Marquês, e, em 1984, passou a lecionar também na Faculdade de Hotelaria, na UCS (Universidade de Caxias do Sul), que funcionava em Atlântida (RS). Em 1986, se mudou para Canela, para onde a Faculdade de Hotelaria foi transferida e lá trabalhou como coordenador, vice-diretor e professor. De 1989 a 1991, foi diretor da Faculdade de Hotelaria da UCS, em Canela e de 1992

a 2010, trabalhou em Caxias do Sul (RS), na Escola Estadual Cristóvão de Mendonça e no Colégio São Carlos.

José Carlos Becker nasceu em Venâncio Aires (RS). Formou-se em História Natural, na PUC, em Pedagogia, na UFRGS, e em Direito, na ULBRA. Iniciou na docência, como técnico agrícola, em Guaporé (RS). Veio para Osório no ano de 1975, quando foi convidado para ser diretor da Escola Polivalente, foi o primeiro diretor da Escola, atuou de 1975 a 1979, e junto com o André Poltronieri, ajudou na montagem da instituição. Não participou da Revista Polivisão. Lecionou em mais de doze escolas durante sua carreira na educação. Além de professor, foi também diretor e vice-diretor de algumas escolas em Viamão (RS), Osório (RS) e Canoas (RS).

Sobre suas formações pode-se notar que enquanto a trajetória de alguns entrevistados foi direcionada desde muito cedo para a docência, porque estiveram em escolas que os prepararam para serem professores, outros acabaram tornando-se docentes por outros caminhos. A maioria deles nasceu no Rio Grande do Sul e iniciaram cedo sua carreira na docência. Com exceção de uma, nascida em Osório (RS), os outros vieram para a cidade por razões relativas às suas atividades na educação. Percebe-se, então, que a implantação da instituição escolar no município gerou um processo migratório para a região, o que atraiu docentes de outros lugares. Como podemos perceber a partir do estudo de Lima e Souza (2016, p. 79), todas as Escolas Polivalentes acabaram gerando essa migração no local em que foram construídas. Outras escolas na cidade de Osório (RS) também geraram um movimento de vinda de docentes, tal como a Escola General Osório[4], cuja primeira professora foi trazida de São Borja e era nascida em Taquara, e a Escola Rural[5].

Duas entrevistadas formaram-se em Letras, um graduou-se em Administração e Agricultura, um formou-se em História Natural, em Pedagogia e dois em Direito, e outro em História, Geografia, Filosofia, Estudos Sociais e Pedagogia. Aqui, podemos enxergar uma ampla variedade de formações entre os docentes entrevistados o que nos mostra a diversidade da própria Escola Polivalente em possuir, em sua maioria, professores com mais de uma formação acadêmica, além de serem em áreas, às vezes, completamente diferentes.

4 Indica-se, sobre esse assunto, o artigo de Maria Augusta Martiarena de Oliveira, chamado "Acervos escolares e história das instituições educacionais: o caso da Escola Estadual General Osório/RS", e a monografia de Pâmela Pereira de Pinho, intitulada "Docência feminina no interior do Rio Grande do Sul: a trajetória da professora Maria Tereza Vilanova Castilhos na escola General Osório na primeira metade XX".
5 Sobre este tema, encontra-se a tese de doutorado de Dóris Bittencourt Almeida, denominada "Memórias da rural: narrativas da experiência educativa de uma escola normal rural pública (1950-1960)".

Os cinco entrevistados analisados neste artigo trabalharam na Escola Polivalente, tendo sido um somente diretor, outro vice-diretor e professor, outro diretor e professor, e duas atuaram apenas como docentes. Uma das entrevistadas seguiu apenas lecionando durante sua carreira na educação, enquanto uma, além de lecionar, foi supervisora e os outros três lecionaram e trabalharam na direção de algumas escolas. Agora, podemos perceber que os cargos maiores de gestão foram ocupados pelos entrevistados homens em sua trajetória educacional, enquanto uma das mulheres nem chegou perto da gestão e a outra, por mais que tenha ocupado um cargo importante, não trabalhou no maior posto.

Três dos entrevistados publicaram alguns artigos na Revista Polivisão, enquanto estiveram atuando na Escola Polivalente, esse periódico, como já dito, foi desenvolvido por professores da instituição na década de 1980. Todas as cinco pessoas entrevistadas nesta pesquisa já se aposentaram, tendo um largado a docência e se formado em advocacia logo depois.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que é imprescindível a preservação da memória da educação e das instituições escolares, por isso, as pesquisas que se utilizam das narrativas de pessoas que participaram dessas histórias são tão importantes, tendo em vista que permitem um novo olhar acerca do passado educacional. Tais pesquisas viabilizam o reconhecimento da voz daqueles que não tiveram oportunidade de relatar de outra forma o que fora vivenciado. Através desses relatos conseguimos conhecer algumas particularidades que, de outro modo, não viriam a ser conhecidas, tendo em vista que fontes escritas ou mesmo iconográficas não permitiram a elucidação de certas informações. Nesse sentido, questiona-se o quanto já se perdeu ou poderá ser perdido caso não utilizemos da História Oral como alternativa para estudar determinadas perspectivas da história e permitir a interlocução com os documentos.

É possível perceber neste trabalho, através das narrativas dos entrevistados, alguns aspectos relevantes sobre a história da Escola Maria Teresa Vilanova Castilhos - Escola Polivalente, como detalhes sobre a sua implantação e inauguração, além de conhecer as diferentes trajetórias de alguns docentes que participaram da memória dessa instituição e que tiveram suas identidades marcadas por ela, tendo em vista que muitos ingressaram na nessa escola ainda no início de suas carreiras como professores, e essa, acabou impulsionando as suas vidas, além de viabilizar novas conquistas, seja no ramo da docência ou não.

Torna-se importante o estudo acerca das Escolas Polivalentes visando o contexto de seu surgimento, que foi durante a Ditadura Militar, com objetivos claros, mas que, em função do corpo docente, constituiu-se em uma grande oportunidade de promover a introdução da classe popular em um sistema público e com um ensino de qualidade, tendo a junção das disciplinas propedêuticas com as técnicas. Dessa forma, deseja-se aprofundar esta pesquisa aqui apresentada, para que se possa desvendar mais sobre a memória da Escola Maria Teresa Vilanova Castilhos - Escola Polivalente e contribuir para a preservação desse patrimônio histórico-educativo.

Além disso, tendo em vista que o presente artigo refere-se às trajetórias das e dos docentes que integraram o quadro da Escola Polivalente de Osório, torna-se relevante reafirmar o impacto na movimentação de docentes no âmbito do estado do Rio Grande do Sul, quando da implantação de instituições educacionais. Como mencionado anteriormente, no caso da cidade de Osório, tal experiência é recorrente quando da implantação de uma nova instituição educacional. Foram citados, além do caso da Escola Polivalente, os exemplos da criação do Grupo Escolar General Osório e da Escola Rural (Escola Estadual Ildefonso Simões Lopes). Tais docentes, ao compartilharem suas memórias, deixam suas concepções como legado, bem como múltiplas possibilidades sobre a compreensão dos períodos entre as décadas de 1970 e 1980. Percebe-se, então, que professoras e professores de diferentes localidades, com diferentes formações, estabeleceram-se na cidade de Osório com o intuito de trabalhar em uma instituição nova. Suas formações diversas, seus referenciais teóricos diferenciados e seus posicionamentos acabaram por corroborar para o desenvolvimento de uma escola que teve importante papel na história da educação osoriense.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt.; GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S. História oral: narrativas de memória, acervos e a pesquisa em História da Educação. **Cadernos de História da Educação:** Minas Gerais, v. 15, n. 3, p. 899-901, set./dez. 2016. Disponível em: < http://www.seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/1419>. Acesso em: 10 mar. 2020.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. As Memórias e a História da Educação: aproximações teórico-metodológicas. **História da Educação,** ASPHE/FaE/UFPel: Pelotas, v. 13, n. 27, p.211-243, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1263>. Acesso em: 10 mar. 2020.

_____. **Memórias da rural: narrativas da experiência educativa de uma escola normal rural pública (1950-1960).** Porto Alegre: UFRGS, 2007, 272 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2007. Disponível em: < https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12184/000617534.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 06 mai. 2020.

AMADO, Janaína. **O grande mentiroso:** tradição, veracidade e imaginação em História Oral. Revista História. São Paulo, 14, p. 125 – 136, 1995.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CIAMPI, Helenice.; GODOY, Alexandre Pianelli. Histórias divergentes na intelectualidade docente: trajetórias formativas nas memórias de professoras do ensino municipal de São Paulo (1964-1985). **Revista Brasileira De História Da Educação:** Maringá, v. 17, n. 3, p. 244-272, jul./set. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38440>. Acesso em: 12 mar. 2020.

CAZORLA, Elisa Munhoz. Ser Brasileiro. Será Possível Identidade Nacional no Brasil?. **Cadernos do CEOM:** Santa Catarina, v. 24, n. 35, p. 311-336, dez. 2011. Disponível em: < http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/1127/584>. Acesso em: 02 abr. 2020.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?.** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

ERRANTE, Antoinette. Mas Afinal, a Memória é de Quem? Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar. **História da Educação,** ASPHE/FaE/UFPel: Pelotas, v. 4, n. 8, p. 141-174, jul./dez. 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30143>. Acesso em: 12 mar. 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes.; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral.** 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FREITAS, S. M. de. **História Oral:** possibilidades e procedimentos. 2. Ed. São Paulo: Associação Editoral Humanitas, 2006.

GIRON, Loraine Slomp. Da memória nasce a História. In: Tatiana Lenskiff e Nadir Helfer. (Org.). **Memória e o ensino da História.** Santa Cruz: EDUNISC, 2000, v., p. 23-38.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria.** Espanha: Anthropos, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da educação brasileira:** leituras. 1. Ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003, 135p.

LE GOFF, Jacques. ***História e Memória.*** 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

LIMA, Genis Alves Pereira de.; SOUZA, Sauloéber Tarsio de. Escolas Polivalentes na Ditadura Civil-Militar: Marco no Modelo de Ensino Profissionalizante ou Instrumentos de Propaganda do Regime? O Processo de Implantação do Polivalente de Ituiutaba-MG (1974-1985). **Educação & Formação:** Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 72-88, maio/ago. 2016. Disponível em: < https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/101/83>. Acesso em: 22 abr. 2020.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. Escola Maria Teresa Vilanova Castilhos – Escola Polivalente: Acervos Fotográficos e História da Educação. **Rev. Iberoam. Patrim. Histórico-Educativo:** Campinas (SP), v. 3, n. 2, p. 323-336, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/9295/4719>. Acesso em: 22 abr. 2020.

_____. Acervos escolares e história das instituições educacionais: o caso da Escola Estadual General Osório/RS. **Revista Linhas.** Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 154-174, jan./jun. 2014. Disponível em: <www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723815282014154/3107>. Acesso em: 22 abr. 2020.

PARAFITA, Alexandre. **Histórias de arte e manhas.** 2005. Disponível em: <http://www.trasosmontes.com/alexandreparafita/content/view/13/36/>. Acesso em: 01 mai. 2013.

PINHO, Pâmela Pereira de. **Docência feminina no interior do Rio Grande do Sul: a trajetória da professora Maria Tereza Vilanova Castilhos na escola General Osório na primeira metade do século XX.** Osório: IFRS, 2017, 68 f. Monografia (Especialização) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Pós-Graduação em Educação Básica Profissional, Osório, 2017.

PLANADOR. 16 de agosto de 1975, ano I, nº 1.

POLLAK, Michael. ***Memória, Esquecimento, Silencio. Estudos Históricos:*** Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jan./jun. 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 31 mar. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos:** Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, jul./dez. 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 31 mar. 2020.

SANTOS, Sônia Maria dos; MORAES, Andréia Demétrio Jorge.; BRITO, Talamira Taita Rodrigues. História Oral entre o Status de Metodologia e a Técnica. ***Cadernos de História da Educação:*** Minas Gerais, v. 14, n. 3, p. 979-1003, set./dez. 2015. Disponível em: < http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/33148/17842>. Acesso em: 12 mar. 2020.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.) **Itinerários de pesquisa:** perspectivas qualitativas em sociologia de educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 287 – 309.